



SETOR TÊXTIL, UM DOS MAIS TRADICIONAIS NO MERCADO EXTERNO, JÁ AMARGA PREJUÍZO. EMPRESÁRIOS RECLAMAM DA DEFASAGEM CAMBIAL

Exportação: de heroína a vilã

195

O ritmo da economia desde o início do ano já apontava para o consumo interno como o principal fator de crescimento em 2006 no lugar das exportações, principal fator positivo até o ano passado. Com os resultados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fica claro que o problema é maior. Ao contrário do que aconteceu nos últimos anos, no lugar de ajudar, agora o comércio externo vai encolher o PIB.

"Até o ano passado, o comércio exterior era o grande motor do PIB, mas agora vai jogar contra", diz a economista do banco Real ABN Amro, Zeina Latif. Com os cálculos à mão, Latif mostra que em 2006, o impacto do comércio exterior no produto nacional será negativo. "O setor externo vai causar uma redução de 0,5 ponto percentual

no Produto Interno Bruto este ano", completa.

Os sinais já estavam à mostra, como lamenta o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro. "Infelizmente esse era um resultado previsível, porque as importações crescem mais do que as exportações e esse descompasso deve se aprofundar", explica.

Uma olhada rápida nos números da balança comercial parecem mostrar um resultado diferente, afinal, o superávit previsto para este ano deve superar os US\$ 42 bilhões. Mas o que sugere um bom desempenho disfarça dificuldades. "Os preços valorizados das commodities escondem problemas", diz Castro.

Segundo a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exter-

ior (Funcex), o crescimento das vendas externas no primeiro semestre se deu, primordialmente, graças ao aumento dos preços internacionais. De acordo com a Funcex, o índice de preço das exportações cresceu 11,3% entre janeiro e julho, frente ao mesmo período do ano passado. Ao mesmo tempo, a quantidade exportada avançou muito menos: a expansão do índice de quantum subiu apenas 2,0%. Em caminho diverso, o índice de preços das importações cresceu 7,9%, mas o quantum importado subiu 12,6%.

Enquanto isso, o desempenho da indústria nacional deixa a desejar (o PIB industrial caiu 0,3% no segundo trimestre), mesmo com o consumo das famílias brasileiras em alta, resultado do aumento do emprego e do rendimento da população,

bem como da expansão do crédito. "A indústria é que não está podendo absorver o dinamismo do consumo, que acaba sendo absorvido pelos produtores externos", diz o Iedi.

Na prática, o componente da demanda que mais conteve o crescimento do PIB no 2º trimestre foram as exportações, que retrairam 5,1% em relação ao 1º trimestre de 2006. Foi o primeiro decréscimo desde o 1º trimestre de 2003, interrompendo, assim, uma seqüência de 12 trimestres consecutivos de crescimento. "A defasagem no câmbio mina nossa competitividade. O pior é que as nuvens vão ficando mais escuas. Setores exportadores tradicionais do país, como calçados, têxteis e móveis já carregam prejuízos", diz o presidente da AEB. (VN e LOG)